

# SINAXE

## Suplemento Litúrgico para os Domingos e Grandes Festas



### «O Sábado Santo»

#### Liturgia de S. Basílio, o Grande

Na manhã do Sábado de Aleluia a Igreja nos recorda da recompensa da fidelidade. A crucifissão terminou, Cristo foi sepultado e os doze apóstolos e discípulos estão dispersos e derrotados. Porém, três portadoras de aromas aproximam-se por fidelidade para executar um derradeiro ato de amor – ungiu o corpo de Jesus com Mirra, seguindo os costumes funerários judaicos. Sua devoção inabalável é recompensada – elas são as primeiras a compartilhar do triunfo de Cristo sobre a morte e o mal; são as primeiras a testemunhar sua Ressurreição. Celebramos essa alegria quando o sacerdote espalha folhas de louro e pétalas de rosa pela igreja.

Na madrugada de domingo são repetidas as lamentações da noite anterior e todas as luzes da igreja se apagam, simbolizando o desespero e a derrota sentidos às vésperas da vitória de Cristo sobre o inimigo de nossa salvação. Precisamente à meia-noite uma única chama é acesa no altar representando a vitória de Jesus sobre a morte e a derrota do príncipe das trevas ante a majestade de Cristo, a Luz do Mundo. Essa luz é passada de pessoa para pessoa, iluminando a igreja até afastar por completo a escuridão. A Ressurreição é proclamada por meio de canções e de uma procissão, e após a liturgia, a chama é levada para as nossas casas, para que elas também se encham com a sua luz, calor e triunfo da Ressurreição.

Cristo dorme no sepulcro; desce aos infernos onde o esperam os justos do Antigo Testamento e lhes anuncia a sua salvação próxima e sua ascensão com ele ao céu.  
As cerimônias deste dia são:

- Ofício do "Orthros" do sábado, que se celebra sexta-feira à noite, conhecido como "Enterro do Senhor";
- Bênção do fogo, antes da Divina Liturgia: que simboliza a luz que raiu do sepulcro de Cristo e iluminou o mundo com as luzes dos ensinamentos divinos;
- Vésperas e Divina Liturgia de São Basílio.

#### TRISAGION

Vós † que fostes batizados em Cristo,  
de Cristo vos revestistes. Aleluia! (3 vezes)

Glória ao Pai †...

De Cristo vos revestistes. Aleluia!

Vós † que fostes batizados em Cristo,  
de Cristo vos revestistes. Aleluia!

## PROKIMENON

A terra toda te adore  
e cante em teu louvor.

Celebrai a Deus,  
vós todos habitantes da terra!

## EPÍSTOLA

[RM 6,3-11]

### LEITURA DA EPÍSTOLA DO APÓSTOLO SÃO PAULO AOS ROMANOS



irmãos, ignorais que todos os que fomos batizados em Jesus Cristo, fomos batizados na sua morte? Fomos, pois, sepultados com ele na sua morte pelo batismo para que, como Cristo ressurgiu dos mortos pela glória do Pai, assim nós também vivamos uma vida nova. Se fomos feitos o mesmo ser com ele por uma morte semelhante à sua, sê-lo-emos igualmente por uma comum ressurreição. Sabemos que o nosso velho homem foi crucificado com ele, para que seja reduzido à impotência o corpo (outrora) subjugado ao pecado, e já não sejamos escravos do pecado. (Pois quem morreu, libertado está do pecado.) Ora, se morremos com Cristo, cremos que viveremos também com ele, pois sabemos que Cristo, tendo ressurgido dos mortos, já não morre, nem a morte terá mais domínio sobre ele. Morto, ele o foi uma vez por todas pelo pecado; porém, está vivo, continua vivo para Deus! Portanto, vós também considerai-vos mortos ao pecado, porém vivos para Deus, em Cristo Jesus.

## ALELUIA

Aleluia, aleluia, aleluia!

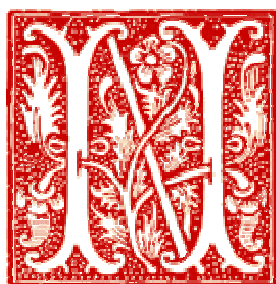
Que Deus se levante e seus inimigos sejam vencidos.  
E seus adversários fujam diante de Sua Face!  
Aleluia, aleluia, aleluia!

Tal como o fumo se dissipa, assim eles sejam dispersos;  
à semelhança da cera, que se derrete diante do fogo.  
Aleluia, aleluia, aleluia!

## EVANGELHO

[MT 28,1-20]

### EVANGELHO DE NOSSO SENHOR JESUS † CRISTO, SEGUNDO SÃO MATEUS



aquele tempo, depois do sábado, quando amanhecia o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o túmulo. E eis que houve um violento tremor de terra: um anjo do Senhor desceu do céu, rolou a pedra e sentou-se sobre ela. Resplandecia como relâmpago e suas vestes eram brancas como a neve. Vendo isto, os guardas pensaram que morreriam de pavor. Mas o anjo disse às mulheres: Não temais! Sei que procurais Jesus, que foi crucificado. Não está aqui: ressuscitou como disse. Vinde e vede o lugar em que ele repousou. Ide depressa e dizei aos discípulos que ele ressuscitou dos mortos. Ele vos precede na Galiléia. Lá o haveis de rever, eu vo-lo disse.

Elas se afastaram prontamente do túmulo com certo receio, mas ao mesmo tempo com alegria, e correram a dar a boa nova aos discípulos. Nesse momento, Jesus apresentou-se diante delas e disse-lhes: Salve! Aproximaram-se elas e, prostradas diante dele, beijaram-lhe os pés. Disse-lhes Jesus: Não temais! Ide dizer aos meus irmãos que se dirijam à Galiléia, pois é lá que eles me verão.

Enquanto elas voltavam, alguns homens da guarda já estavam na cidade para anunciar o acontecimento aos príncipes dos sacerdotes. Reuniram-se estes em conselho com os anciãos. Deram aos soldados uma importante soma de dinheiro, ordenando-lhes: Vós direis que seus discípulos vieram retirá-lo à noite, enquanto dormíeis. Se o governador vier a sabê-lo, nós o acalmaremos e vos tiraremos de dificuldades.

Os soldados receberam o dinheiro e seguiram suas instruções. E esta versão é ainda hoje espalhada entre os judeus.

Os onze discípulos foram para a Galiléia, para a montanha que Jesus lhes tinha designado. Quando o viram, adoraram-no; entretanto, alguns hesitavam ainda. Mas Jesus, aproximando-se,

Ihes disse: «Toda autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, pois, e ensinai a todas as nações; batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinai-as a observar tudo o que vos prescrevi. Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo».

## HIRMOS

Ó cheia de graça, em ti rejubila-se toda a criação.  
A assembléia dos anjos e o gênero humano te glorificam,  
ó templo santificado, paraíso espiritual e glória das virgens,  
na qual Deus se encarnou e da qual se tornou Filho  
Aquele que é nosso Deus antes dos séculos.  
Porque fez de teu seio um trono  
e as tuas entranhas, mais vastas que os céus.  
Ó cheia de graça, em ti rejubila-se toda a criação e te glorifica!

## KINONIKON

O Senhor, despertou-se, como de um sono  
e levantou-se, salvando-nos.  
Aleluia, aleluia, aleluia!

## OBS.:

- Em vez de: "Vimos a verdadeira luz...": Lembra-te também de nós, ó Misericordioso, como te lembraste do ladrão, no reino dos céus!
- Bênção Final como todos os domingos.



SUBSÍDIOS HOMILÉTICOS

Pe. Pavlos Tamanini

## «O Grande Sabbat Santo»



"grande e santo Sabbat" é o dia que liga a Sexta-Feira santa, à comemoração da Cruz, ao dia da Ressurreição. Para muitos, a verdadeira natureza e o sentido desta ligação, a necessidade real deste dia intermediário, permanece obscura. Para a grande maioria daqueles que vão à igreja, os dias "importantes" da grande semana são a Sexta-feira e o Domingo, a Cruz e a Ressurreição. Estes dois dias, entretanto, ficam de alguma forma distintos. Há um dia de tristeza e depois um dia de alegria. Nesta sucessão, a tristeza é simplesmente substituída pela alegria. Mas segundo o ensinamento da Igreja, expresso na sua tradição litúrgica, a natureza desta sucessão não é uma simples substituição. A Igreja proclama que o Cristo "venceu a morte pela morte"; isto quer dizer que, antes mesmo da ressurreição, coloca-se um acontecimento no qual a tristeza não é simplesmente substituída pela alegria, mas ela própria é transformada em alegria. O grande Sábado é precisamente este dia de transformação, o dia em que a vitória germina de dentro mesmo da derrota, uma vez que antes da ressurreição nos é dado contemplar a morte da própria morte. . . E tudo isso é expresso – mais ainda, tudo isso é realmente atualizado – a cada ano, neste maravilhoso ofício matinal, na comemoração litúrgica que se torna para nós um "presente" salvador e transformador.

Quando chegamos à igreja, na manhã do Sábado santo, a Sexta-feira acaba justamente de terminar, do ponto de vista litúrgico. É por isso que a tristeza da Sexta-feira é o tema inicial, o ponto de partida das matinas do Sábado. Este ofício começa como um ofício de funerais, uma lamentação sobre uma morte. Depois do canto dos tropários funerais e uma lenta incensação da igreja, os celebrantes se aproximam do Epitáfio (1). Nós estamos diante do túmulo do Senhor, nós contemplamos sua morte, sua derrota. O salmo 118 é cantado e a cada versículo acrescenta-se um canto especial que exprime o horror dos homens e o estupor da criação inteira diante da morte de Jesus:

«Colinas e vales,  
e vós, multidão dos homens, chorai!

E vós, todo o Universo, lamentai-vos  
comigo, a Mãe de vosso Deus»

E, entretanto, desde o começo, acompanhando o tema inicial da tristeza e de lamentação, aparece um novo tema que se tornará pouco a pouco mais aparente. Nós o encontramos, aliás, no mesmo salmo 118: "Felizes aqueles que são irreprouváveis em seus caminhos, aqueles que seguem na lei do Senhor." Na nossa prática litúrgica atual, este salmo é utilizado somente nos ofícios de defuntos, donde sua referência "funerária" para os fiéis em geral. Porém, na tradição litúrgica primitiva, este salmo era uma das partes essenciais da vigília do Domingo, a comemoração semanal da ressurreição do Cristo. Seu conteúdo não é totalmente funerário: este salmo é a expressão mais plena e mais pura do amor pela lei de Deus; isto é, pelo desígnio divino sobre o homem e sobre a vida dele. A verdadeira vida, consiste em guardar, cumprindo a lei divina, esta vida com Deus, em Deus e para Deus, para a qual foi criado.

«Eu me alegrei nas veredas do teu testemunho  
como se possuísse todos os tesouros» (v/14).

«Eu meditarei as maravilhas da tua lei» (v/16).

Uma vez que o Cristo é a imagem do cumprimento perfeito desta lei, uma vez que sua vida inteira consistiu em apenas cumprir a vontade do Pai, a Igreja interpreta estas palavras do salmo como endereçadas ao Pai pelo Cristo no túmulo:

«Vê, eu amei Teus mandamentos, Senhor,  
na Tua misericórdia, vivifica-me» (v/159).

A morte do Cristo é a prova suprema de seu amor pela vontade de Deus, de sua obediência ao Pai. Ela é um ato de pura obediência, de confiança total nesta vontade; e, para a Igreja, é precisamente esta obediência até o fim, esta perfeita humildade do Filho que é o fundamento e o começo de sua vitória. O Pai deseja esta morte, o Filho aceita-a, revelando assim uma fé incondicional na perfeição da vontade do Pai e na necessidade deste sacrifício do Filho pelo Pai. O salmo 118 é o salmo desta obediência, e, daí, ele anuncia que na obediência começou o triunfo...

Mas, por que o Pai deseja esta morte? Por que ela é necessária? A resposta a estas perguntas constitui o terceiro tema do nosso ofício e ele se encontra explícito nas instâncias intercalares entre os versículos do salmo 118. Elas descrevem a morte do Cristo como sua descida ao Hades. Na linguagem concreta da Bíblia, "o Hades" é o reino da morte, esse estado de trevas, de desespero e destruição que é a morte. E já que ele é o reino da morte, que Deus não criou e não quis, isto significa também que o Príncipe deste mundo é todo-poderoso no mundo. Satã, pecado, morte: tais são as dimensões do Hades, seu conteúdo. Pois o pecado vem de Satã e seu fruto é a morte: "O pecado entrou no mundo e pelo pecado, a morte" (Rom. 5:12). "A morte reinou de Adão a Moisés" (Rom. 5:14).

O universo inteiro tornara-se um cemitério cósmico e estava condenado à destruição e ao desespero. Eis porque "o último inimigo é a morte" (I Cor. 15:26) e sua destruição constitui a meta final da Encarnação. O encontro com a morte é "a hora" do Cristo, da qual ele dizia: "É para esta hora que eu vim (João 12:27). E agora, ela chegou, e o Filho de Deus penetra o interior da morte. Os Padres descreveram geralmente este momento como um duelo entre o Cristo e a morte, entre o Cristo e Satã, pois esta morte devia ser ou bem o último triunfo de Satã ou bem sua derrota decisiva.

O duelo desenrola-se em várias etapas. Primeiro, as forças do mal parecem triunfar; o Justo é crucificado, abandonado por todos; ele suporta uma morte ignominiosa; ele se torna, além disso, participante do Hades, esse lugar de trevas e desespero... Mas, no mesmo momento aparece o verdadeiro sentido de sua morte. Aquele que morre na cruz possui a vida em si mesmo; ou seja, ele tem a vida, não como um dom recebido do exterior, algo que se lhe pudesse retirar, mas como sua própria essência. Ela é a vida e a fonte de toda vida. "Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens." Como homem, Ele pode realmente morrer; mas n'Ele é Deus quem entra no reino da morte, quem experimenta a morte. Tal é a dimensão única e incomparável da morte do Cristo: o homem que morre é Deus, ou, mais precisamente, o Homem-Deus. Deus é o Santo imortal; e é somente na unidade, sem confusão, sem mudança, sem divisão, nem separação de Deus e do homem no Cristo, que a morte humana é assumida por Deus e é vencida e destruída de dentro, "esmagada pela morte."

Agora nós compreendemos porque Deus deseja esta morte, porque o Pai entrega a ela seu Filho único. Ele deseja a salvação do homem, quer dizer, que a destruição da morte não seja um ato de seu poder ("Tu não sabes que eu posso rogar ao Pai que me envie na hora mais de doze legiões de anjos?"), nem uma violência, fosse ela salvadora, mas um ato desse amor, dessa liberdade e dessa livre consagração a Deus, pelas quais Ele criou o homem. Qualquer outro modo de salvação teria sido contrário à natureza do homem e não seria, pois, uma salvação real. Donde, a necessidade da Encarnação e a necessidade dessa morte divina... No Cristo, o homem restaura a

obediência e o amor; pelo Cristo, o homem pode vencer o pecado e o mal. Era essencial que a morte fosse não só destruída por Deus, mas vencida e soterrada na natureza humana mesma, pelo homem e no homem. "É por um homem que a morte veio; é também por um homem que vem a ressurreição dos mortos" (I Cor. 15:21).

O Cristo aceita livremente a morte, e de sua vida ele diz que "Ninguém me tira de mim, mas eu mesmo a dou" (João 10:18). Isto não foi sem lutas: "Ele começou a ficar triste e abatido" (Mt. 26:27). Assim se cumpre a medida plena de sua obediência, assim se acha destruída a raiz moral da morte, como ranço do pecado. Toda a vida de Jesus está em Deus, como toda a vida humana o deveria; e é esta plenitude de vida, esta vida rica de sentido e conteúdo, repleta de Deus, que triunfa da morte e destrói seu poder. Pois a morte é antes de tudo a ausência de vida, destruição da vida que se separou de sua única fonte. E porque a morte do Cristo é um gesto de amor a Deus, um ato de obediência e de confiança, de fé e de perfeição. Ela é um ato de vida ("Pai, em Tuas mãos encomendo meu espírito" Lc. 23:46) que destrói a morte. É a morte da própria morte.

Este é o sentido da descida de Jesus ao Hades, a sua morte tornando-se sua vitória. E a luz desta vitória ilumina agora nosso velar junto ao túmulo:

«Ó Vida, como podes morrer?

Como te delongas no túmulo?

Mas é para destruir o poder da morte  
e ressuscitar os mortos do inferno.

Tu foste depositado no túmulo, ó Cristo, tu a Vida!

Pela Tua Morte, destruístes o poder da morte,  
e para o mundo, Tu fizeste brotar a vida.

Ó que alegria esta!

Ó grande êxtase pelo qual Tu

inundaste os mortos detidos no inferno,

fazendo luzir o lume em suas

profundezas sombrias!»

A vida entra no reino da morte; a luz divina inunda as trevas tenebrosas e ela brilha para todos aqueles que aí habitam, pois o Cristo é a vida de todos, única fonte de toda vida. Ele morre, pois, por todos, porque tudo que atinge sua vida, atinge a própria Vida... a descida ao Hades é o encontro da vida de todos com a morte de todos:

«Tu desceste sobre a terra para salvar Adão

e não o encontrando, ó Mestre,

tu o foste procurar até no Inferno»

A tristeza e alegria se entregam ao combate, e, agora, a alegria está a ponto de ganhá-lo. As estâncias terminaram; o diálogo, o duelo entre a vida e a morte, está no final. E pela primeira vez ecoa o hino de triunfo e de alegria: é o tropário sobre o salmo 118 (EVLOGITARIA) cantado a cada vigília do Domingo, com a aproximação do dia da ressurreição:

«A multidão dos anjos ficou estupefata  
vendo-Te contado dentre os mortos, ó Salvador,  
enquanto Tu aniquilavas a força da morte  
e contigo Tu acordavas Adão  
e libertavas todos os homens.

"Por que misturais vossas lágrimas

com a mirra, discípulos?

diziam às miróforas o anjo resplandecente

que se encontrava no túmulo.

Examinai vós mesmas o sepulcro e vede:

o Salvador ressuscitou e saiu do túmulo.»

Em seguida, vem o belo cânon do grande Sábado, no qual todos os temas deste ofício, desde a lamentação funerária até a vitória sobre a morte, são resumidos e aprofundados; o cânon termina com esta exortação:

«Que a Criação esteja na alegria!

Que todos os habitantes da terra se alegrem

pois o inferno inimigo foi despojado.

"Que as mulheres venham com seus perfumes!

Eu liberto Adão, Eva e toda sua raça.

E no terceiro dia, eu ressuscitarei.»

Desde já a alegria pascal ilumina o ofício. Nós estamos ainda diante do Cristo no túmulo, mas este nos foi revelado como o túmulo que dá a vida. Nele jaz a vida. Nele, uma nova Criação nasce e, uma vez ainda, o sétimo dia, o dia do repouso, o Criador descansa de todas as suas obras. 44A vida adormeceu, e o Hades treme" e nós contemplamos este Sabbat abençoado, o repouso solene daquele que nos devolve a vida: "Vinde, contemplemos nossa vida encerrada no túmulo. . ." Todo o sentido e profundidade mística deste sétimo dia, dia de perfeita realização, nos são agora revelados, pois:

«O grande Moisés prefigurou misticamente este dia quando disse: Deus abençoou o sétimo dia. Eis o Sabbat bendito, eis o dia do repouso no qual o Filho único de Deus descansou de todas as suas obras.»

Faz-se, então, a volta à igreja, em procissão, com o Epitáfio, mas não é uma procissão funerária. É o Filho de Deus, o Santo imortal, que atravessa as trevas do Hades, anunciando o "Adão de toda a geração" a alegria da ressurreição que se aproxima; "tal é a luz da manhã que jorra da noite," ele proclama que "todos os mortos ressuscitarão, todos aqueles que jazem nos túmulos viverão e toda a Criação rejubilará..."

Nós voltamos à igreja. Já conhecemos o mistério vivificante da morte do Cristo. O Hades está vencido, o Hades treme. Aparece então, o último tema, o da Ressurreição.

O Sabbat, o Sétimo dia, conclui e completa a história da salvação, sendo seu último episódio a vitória sobre a morte. Mas, após o sabbat, vem o primeiro dia de uma criação nova, a vida nova nascida do túmulo. O tema da ressurreição começa a repicar no prokímenon:

«Levanta-Te, Senhor, vem em nosso auxílio!"  
liberta-nos pelo Teu amor,  
ó Deus, nós ouvimos com nossos próprios ouvidos...»

Este tema se prolonga na primeira leitura, a da profecia de Ezequiel sobre os ossos descarnados (Cap. 37): "As carcaças eram muito numerosas sob o sol do vale, e estavam completamente descarnadas." É a morte triunfando no mundo, são as trevas, a implacável e universal sentença de morte. Mas Deus fala ao profeta anunciando que tal não é o destino final do homem. Os ossos ressequidos escutarão a Palavra do Senhor e os mortos reviverão: "eis que Eu abrirei vossos túmulos e Eu vos conduzirei sobre o solo de Israel."

Em seguida a esta profecia, o segundo prokímenon retoma a mesma oração, lança o mesmo apelo: "Levanta-Te, Senhor, e liberta-nos por Teu nome!"

Como isto irá acontecer? Como esta ressurreição universal é possível? É a segunda leitura que no-lo diz (I Cor. 5:6 e Gal. 3:13-14): "Um pouco de fermento faz crescer toda a massa. . ." O Cristo, nossa Páscoa, é este o fermento da ressurreição de todos. Como sua morte destrói o princípio mesmo da morte, sua ressurreição é a penhora da ressurreição de todos, pois sua vida é a fonte de toda vida. Os versículos do Aleluia, que são também os que abrirão o ofício da Páscoa, concordam com a resposta final, a certeza que o tempo da nova Criação, aquele do dia sem noite, já começou:

«Aleluia, aleluia, aleluia!  
Que Deus se levante e que seus inimigos se dispersem.  
E que fujam diante de Sua Face, aqueles que o odeiam!  
Aleluia, aleluia, aleluia!  
Como se dissipa a fumaça, eles se dissipam;  
como a cera funde diante do fogo,  
Aleluia, aleluia, aleluia!»

A leitura das profecias terminou. Até então só escutamos profecias. Nós estamos agora no grande Sábado, diante do túmulo do Cristo. É preciso vivermos este longo dia antes de escutarmos à meia-noite: "Cristo ressuscitou!" e antes de entrar na celebração da sua Ressurreição. É por isso que a terceira leitura (Mat. 27:62-66) nos fala ainda do túmulo: "eles pregaram um selo e colocaram guardas ali."

É provavelmente bem neste último momento das matinas que o sentido último deste dia intermediário se torna manifesto. O Cristo levantou-Se dentre os mortos; sua Ressurreição, nós a celebramos no dia da Páscoa. Entretanto, esta celebração comemora um evento especial do passado e ela antecipa um mistério do futuro. É já a ressurreição normal, mas não ainda, a nossa. Nós deveremos morrer, aceitar a morte, a separação, a destruição. A realidade de nossa situação neste mundo, neste "elo," é a realidade do grande Sábado; este dia é a imagem real de nossa condição humana. Nós cremos na ressurreição porque o Cristo ressuscitou dos mortos. Nós esperamos a ressurreição. Nós sabemos que a morte do Cristo venceu o poder da morte e que esta

não é mais o resultado sem esperança, o fim de tudo... Batizados em sua morte, nós comungamos Sua vida que surgiu do túmulo. Nós recebemos o Seu corpo e Seu sangue que são alimentos de imortalidade. Nós temos em nós a garantia, a antecipação da vida eterna... Toda a nossa existência cristã encontra sua dimensão nos atos de comunhão, na vida nova, no espírito novo do Reino. E entretanto, ainda estamos aqui e a morte é nosso lote inevitável.

Mas esta vida entre a Ressurreição do Cristo e o dia da ressurreição geral, não é ela precisamente a vida do grande Sábado? A espera não é a categoria fundamental e essencial da experiência cristã? Nós aguardamos no amor, na esperança e na fé. E esta espera "da ressurreição e da vida do mundo que há de vir," esta vida "escondida em Deus com o Cristo" (Col. 3:3-4), essa crença na esperança, acompanhada de amor e certeza, tudo isso constitui o nosso próprio "grande Sábado." Pouco a pouco, todas as coisas neste mundo tornam-se transparentes na luz que daí emana; "o rosto deste mundo passa," e este dia imperecível com o Cristo torna-se nosso valor supremo e último.

A cada ano, no grande Sábado, depois do ofício da manhã, nós esperamos a noite de Páscoa e a plenitude da alegria pascal. Nós sabemos que, ela está próxima e, no entanto, como é lenta esta chegada, como é longo este dia! O silêncio e a paz maravilhosa do grande Sábado não são o símbolo de nossa própria vida neste mundo? Não estamos nós sempre neste dia intermediário, nesta espera da Páscoa do Cristo, nos preparando para o dia sem noite de Seu Reino?

### «A Celebração Pascal»

A celebração pascal propriamente dita comporta hoje, na liturgia ortodoxa, dois ofícios principais: as vésperas do sábado santo e as matinas de Páscoa; as primeiras são seguidas da Liturgia eucarística de São Basílio; as segundas da Liturgia de São João Crisóstomo. Estes dois ofícios têm, na realidade, características bastante diferentes. As vésperas do sábado santo são, de fato, a antiga vigília pascal que, durante os três primeiros séculos, começavam na noite do sábado para terminar, depois da meia-noite, com a Liturgia eucarística. Essa vigília era, então, a única celebração de toda a semana Santa e do dia de Páscoa.

Preparada por um jejum alitúrgico (isto é, sem celebração eucarística) de um ou dois dias, ou às vezes de uma semana, de acordo com as tradições locais, a vigília tinha por objetivo não apenas festejar a Ressurreição do Cristo, mas o mistério da salvação na sua totalidade, sem dissociar de nenhuma forma a morte do Cristo de sua Ressurreição. Assim, ela era a festa cristã por excelência.

As vésperas bizantinas do Sábado Santo guardaram fielmente a estrutura daquela vigília. Nós estamos, pois, diante de um ofício-fonte, por assim dizer, que nos situa no coração do mistério pascal, resumindo todo seu conteúdo; os outros ofícios da grande semana e do dia de Páscoa só fazem explicitar e difundir a substância do mistério. Do ponto de vista da tradição da Igreja, esse ofício reveste-se de uma importância considerável.

Muito depressa, no entanto, talvez desde o século III, em certos lugares configurou-se uma tendência a antecipar essa vigília para a tarde do Sábado Santo. E a partir do século IV, diversas celebrações foram progressivamente instauradas para comemorar, ao longo da grande semana, os diversos momentos do drama redentor. Entretanto, esse desenvolvimento se fez sem que a atenção ao detalhe histórico viesse a predominar, sem que a ligação entre a Paixão e a Ressurreição fosse jamais perdida de vista, e sem que o olhar da fé cessasse jamais de perceber o fulgor da divindade do Cristo transfigurando seu sofrimento humano e sua própria luz. O equilíbrio do mistério era assim admiravelmente salvaguardado nessa grande visão de Igreja, e o desdobramento dos ritos tinha como consequência um enriquecimento positivo. No Oriente, ao longo dos séculos VII e VIII, a contemplação teológica dos Padres da Igreja se traduziu, sem nada perder de sua densidade doutrinal, em ofícios eminentemente aptos a nutrir e a exprimir a devoção de todo povo cristão.

Essas reflexões se aplicam muito particularmente às matinas do dia de Páscoa. Estas foram instauradas para preencher o vazio deixado pela antecipação da antiga vigília pascal que, aliás, não podia mais permanecer como um ofício verdadeiramente popular em razão de suas longas leituras. As matinas pascais bizantinas, celebradas no seio da noite como a vigília primitiva, constituíram-se assim numa vigília pascal perfeitamente integrada no conjunto dos ofícios da semana santa e resultante da mesma evolução. Elas não têm mais por objetivo celebrar, sozinhas, a totalidade do mistério da redenção: a Ressurreição em si é aí o tema essencial; mas esta nos é apresentada como o lado glorioso do mistério da Cruz e a ligação orgânica com os ofícios da grande semana aparece claramente.

É por isso que, dentro das perspectivas próprias do rito bizantino, uma restauração da vigília pascal antiga, acarretando supressão das matinas pascais, constituiria apenas um arcaísmo de um interesse meramente intelectual. Ninguém nem sonha com isto, aliás. É desejável, claro, que os fiéis que o possam, participem das vésperas do sábado santo para escutar a admirável catequese

bíblica que elas nos conservaram. A permanência deste ofício na ordem atual, onde ele faz, desde já, o papel de uma etapa intermediária entre o grande sábado e a noite pascal, responde bem à preocupação que geralmente a tradição litúrgica bizantina tem de elaborar preparações e transições que, tal como uma sucessão de antecâmaras, conduzem progressivamente os fiéis a ascenderem à plenitude do mistério com a disposição requerida para participar nele com proveito. Guiados por essa iniciação vívida, que se importa pouco com a sucessão linear das idéias, com o rigor dos esquemas e das análises puramente históricas, os cristãos poderão, então, no seio da noite santa, passar com seu Senhor da morte à vida, das trevas à luz, e entrar na pura alegria da Cinquentena pascal.

Placide Deseille

## As Vésperas do Sábado Santo: A Antiga «Vigília Pascal»

A composição propriamente eclesial neste ofício é ainda pouco desenvolvida, enquanto que as leituras bíblicas são numerosas, caudalosas e significativas. Tal é o caráter dos ofícios mais antigos, enquanto que, naqueles do século VIII, a meditação propriamente eclesial, síntese da época patrística, toma o primeiro lugar.

A antiga vigília começa entretanto por uma bela composição, no estilo sírio-helênico da época justiniana, as Lamentações do inferno. Aí se exprime com toda sua força a concepção oriental da salvação. É um verdadeiro ícone poético da Anastasis como descida vitoriosa do Cristo ao reino infernal. Existem, com efeito, duas representações iconográficas, e duas somente, do mistério pascal: a Descida aos infernos e o Sepulcro vazio. A metamorfose mesma da Ressurreição escapa a qualquer representação.

«Neste dia, o inferno lamenta-se e grita:  
teria valido mais para mim não acolher o filho de Maria,  
pois, penetrando em meus domínios, ele pôs fim ao meu poder,  
ele quebrou minhas portas de ferro,  
e aqueles a quem eu detinha desde tão longo tempo,  
sendo Deus, ele os ressuscitou.

Glória, Senhor, a Tua Cruz e a Tua Ressurreição!

Neste dia, o inferno lamenta-se e grita:  
Meu poder está destruído.  
Eu recebi um morto como um qualquer dentre os mortos,  
mas não o pude deter de modo algum  
e eu vou ser despojado por ele  
das almas de quem era o rei.  
Eu que desde longo tempo possuía os mortos,  
eis que ele os desperta a todos.

Glória, Senhor, a Tua cruz e a Tua Ressurreição!

Neste dia, o inferno lamenta-se e grita:  
Meu poder está aniquilado,  
o Pastor foi posto na Cruz e Adão levantou-se;  
eu estou despojado daqueles sobre quem eu reinava,  
eu devo entregar todos aqueles que engoli quando era forte.  
O Crucificado esvaziou todos os túmulos.  
O poderio da morte está sem forças.

Glória, Senhor, a Tua cruz e a Tua Ressurreição!»

O essencial, porém, dessa vigília primitiva, é constituído por quinze leituras bíblicas, interrompidas pelo canto das cantigas escriturais as mais antigamente empregadas na liturgia cristã. Essas leituras, freqüentemente bem longas, agrupam-se em três tipos principais, ou antes, em dois tipos fundamentais e um tipo secundário.

## A Ressurreição no Antigo Testamento

O tipo secundário [duas leituras em quinze, a oitava e a décima-segunda] relembra dois casos de ressurreição no Antigo Testamento. E essas ressurreições intervêm a cada vez no contexto de uma vida renovada, intensificada e salva. De um lado, é Elias multiplicando a farinha e o óleo para a viúva de Sarepta e seus filhos, no tempo da grande seca, depois ressuscitando o filho da viúva (3Reis 17:7-24). De outro, é Eliseu concedendo miraculosamente à Sunamita ter um filho, depois ressuscitando-o após a doença e a morte súbitas (4Reis 4:8-27). Esses textos "ressurrecionais" são

figuras do Cristo vindo renovar a vida, dar-se a si mesmo como alimento e vencer a morte por uma ressurreição que engloba toda a humanidade. Não é só o número três [Eliseu estende-se três vezes em cima da criança] que evoca o triduum pascal. O Deus vivo é o Deus que ressuscita.

## **As Grandes Obras de Deus e Sua «Tipologia»**

Dos dois tipos principais, um concerne às grandes obras de Deus que cria e liberta, representações da Páscoa do Cristo que recapitula-as e as cumpre. Seis leituras correspondem a esse tipo.

### **PRIMEIRA LEITURA: GN 1, 1-13**

É o relato dos três primeiros dias, isto é, a criação do universo. Assim é evidenciada a implicação cósmica da Ressurreição que, segundo os Padres, foi uma verdadeira recriação. "Toda a vida do universo, toda a vida da humanidade já é diferente desde a vinda do Cristo, esta constitui uma nova Criação. . . se nós não o vemos com nossos olhos terrestres, isto provém da limitação das nossas faculdades" (N. Berdiaeff, *Esprit et Liberté*, Paris, 1932, p. 195).

### **TERCEIRA LEITURA: EX 12,1-11: O EPISÓDIO DO CORDEIRO PASCAL**

O emprego "tipológico" do Êxodo aparece no Antigo Testamento mesmo, onde os profetas anunciam um Êxodo escatológico. Além do mais, ele constitui uma das estruturas do Novo Testamento, depois do pensamento patrístico. São Mateus multiplica as alusões ao Êxodo. Mais precisamente, o Evangelho de João, que é uma espécie de catequese pascal, quer mostrar aos batizados que os mistérios recebidos na noite de Páscoa atualizam os prodígios do Êxodo definitivo. O Cristo é o cordeiro pascal cujo sangue apaga os pecados do mundo (João 1:29) e os soldados, depois da crucifixão, não lhe quebraram as pernas como se cumprissem sem saber a prescrição ritual concernente ao cordeiro pascal (João 19:36). Pedro evoca nossa liberação "por um sangue precioso, aquele do cordeiro sem defeito e sem mácula, o Cristo, que foi designado desde antes da criação do mundo... " (I Pd. 1:19-20), o que evoca "o Cordeiro de Deus imolado antes da fundação do mundo" de que nos fala o Apocalipse (5:12). Pois a própria Criação implica como que uma "retração" e um risco de Deus, ela está à sombra da Cruz e a Páscoa é o centro onde se recapitula e se cumpre toda a história.

### **QUARTA LEITURA: O LIVRO DE JONAS POR INTEIRO**

É a representação – explicitada também na vigília atual – da morte, da descida aos infernos e da Ressurreição do Cristo: "Ó Cristo... ao terceiro dia, como Jonas da baleia, Tu te levantaste do túmulo." Para os Padres e, primeiro, para Santo Irineu, o "monstro" que engole Jonas simboliza nossa condição decaída, infernal. Além do que, o próprio Jesus, recusando-se a convencer os Fariseus com um milagre, exclamou: "Geração perversa e adúltera! Ela reclama um sinal e, como sinal, só lhe será dado aquele do profeta Jonas. Com efeito, do mesmo modo que Jonas ficou no ventre do monstro marinho durante três dias e três noites, de igual modo o Filho do Homem ficará sob a terra durante três dias e três noites. .." (Mat. 12:39-40).

### **QUINTA LEITURA: JOSUÉ 5:10-15**

A tipologia de Josué, enunciada pela Epístola aos Hebreus (4:8-9), se desenvolve através de todo período patrístico. A passagem lida aqui, mostra Josué celebrando pela primeira vez a Páscoa na terra prometida onde ele acaba de introduzir os hebreus. Depois é a teofania "do chefe dos exércitos do Senhor" que aparece a Josué e lhe revela: "O lugar onde tu pisas é santo." Josué é Jesus (o nome é o mesmo). A terra prometida é o Reino, ou antes, a terra transfigurada, o paraíso. A Páscoa é a eucaristia. A teofania, a figura da Ressurreição, presença secreta da Parusia. É assim que os Padres liam a Bíblia, no mistério do Nome de laveh – que significa "Deus salva."

### **SEXTA LEITURA: EX 13,20 – 15,9**

Nós encontramos aqui a tipologia do Êxodo, com a travessia do Mar Vermelho. No simbolismo patrístico, essa travessia representa a passagem vitoriosa do Deus-Homem e de seu povo através das águas da morte e a derrota das forças da servidão simbolizadas pelos Egípcios. Também por aí, como já o assinala a Primeira Epístola aos Coríntios (10:1-13), a travessia do Mar Vermelho é uma representação do batismo que nos faz participar na Morte e na Ressurreição do Cristo. Essas duas leituras, com efeito, constituem a preparação última dos catecúmenos que, no Oriente e em todo mundo cristão, recebiam o batismo na vigília pascal.

No final dessa leitura ecoa, cantado pelo coro, o cântico entoado por Moisés e todas as crianças de Israel depois da travessia do Mar Vermelho. Esse cântico passa um tom de júbilo escatológico, captado muito bem pelo Apocalipse, que profetiza a história do novo Israel por meio de imagens e episódios emprestados à história do antigo Israel. "E eu vi também como que um mar de vidro mesclado de fogo e aqueles que triunfaram da besta, de sua imagem e do número de seu

nome, de pé junto a este mar de vidro. Acompanhando-se de harpas de Deus, eles cantam o cântico de Moisés, o servo de Deus, e o cântico do Cordeiro" (Apo. 15:-8).

#### **DÉCIMA LEITURA: GN 22, 1-18**

Relato do sacrifício de Isaac, cujo sentido figurado é dado pela Epístola aos Hebreus (11:17-19): "É pela fé que Abraão, colocado à prova, ofereceu Isaac em sacrifício. Assim, aquele que recebeu as promessas e a quem foi dito: É de Isaac que nasce tua posteridade, ofereceu este filho único, considerando Deus poderoso o bastante para ressuscitar os mortos; também recobrou-o, figuradamente." O sacrifício que Abraão consuma e que abole as promessas, profetiza a Paixão do Cristo; e a criança recuperada representa a Ressurreição. A Epístola aos hebreus doura a tragédia atribuindo a Abraão uma esperança que o Gênesis não menciona. A tipologia é, aí, facilitada. Mas é válido se reportar ao próprio relato, tal como o faz ressoar esta leitura. Abraão diz a Isaac que lhe interroga enquanto eles sobem ao Moriá: "Deus proverá o cordeiro para o holocausto, meu filho." E quando Deus, no último instante, substitui a vítima humana por um carneiro, compreende-se que ele prepara o Cordeiro divino, o Cristo, cada vez que o homem avança na confiança e na obediência, acima de toda lógica. Como não daria Ele Seu próprio Filho, uma vez que o homem estava pronto a Lhe dar o seu? Para os Padres, o carneiro é o "tipo" do Cristo crucificado. O arbusto no qual se engancham os chifres do carneiro evoca a coroa de espinhos e, para Clemente de Alexandria, trata-se da sarça ardente. Se nós nos lembrarmos que, para São Cirilo de Jerusalém (PG 33, 796A), Jesus coroad dessa forma assume os espinhos em que se exprime a "maldição" da terra (Gên. 3:18), é todo o destino do cosmos que se encontra sugerido, transfigurado através mesmo da sua mais dolorosa exterioridade e toda a dor dos homens.

#### **Profecias Messiânicas**

O outro importante tipo de texto que agrupa também seis leituras, é o das profecias messiânicas. Com quase apenas uma exceção, elas constituem a segunda metade deste conjunto, seguindo o próprio ritmo da Bíblia. É o Novo Testamento em si, donde desnecessário insistir, os textos referem-se ao Cristo.

#### **SEGUNDA LEITURA: IS 60, 1-16**

Aqui, a plenitude escatológica – secretamente realizada pela Ressurreição que desde então será na história como que o fermento do Reino – aparece como uma assunção, na nova Jerusalém, de toda a glória, de toda a criatividade das culturas e das "nações: "Tu sugarás o leite das nações... e tu saberás que eu sou o Senhor, o teu Salvador... " A leitura começa com uma exclamação jubilosa: "Resplandece, resplandece, Jerusalém, pois a tua luz fulgura e a Glória do Senhor se elevou sobre ti." Esta exclamação será retomada nas matinas pascais e durante todo o tempo pascal, até à Ascensão, para louvar ao mesmo tempo a Igreja e aquela que a representa e constitui, como o centro da comunhão dos santos, a Mãe de Deus:

«Resplandece, resplandece, ó nova Jerusalém,  
pois a Glória do Senhor brilhou sobre ti!  
Dança de alegria e rejubila o Sião!  
E Tu, Mãe de Deus Toda Pura,  
sê exaltada na Ressurreição  
d'Aquele a quem deste a luz.»

#### **SÉTIMA LEITURA: SOFONIAS 3, 8-15**

É o julgamento dos povos e sua condenação: "eu mudarei em cada povo a língua de sua raça a fim de que todos invoquem o nome do Senhor e O sirvam." Então, será glorificado o "resto de Israel": "Rejubila-te, ó filha de Sião. . . o rei de Israel está no meio de ti." Pela sua Ressurreição o Cristo está no meio da história. Pela sua Ressurreição atualizada na eucaristia, ele está no seio da Igreja e a renova ("Cristo está no meio de nós" diz o padre no momento do "beijo da paz"). É o mesmo tipo de texto escatológico comum aos judeus e aos cristãos, que os primeiros lêem na espera ativa do Messias, na infantilização do Messias pela história; os segundos, na certeza de que a plenitude escatológica potencialmente presente no Ressuscitado deve se manifestar por uma infantilização análoga – não sem descontinuidade última e julgamento – passagem, dizia Soloiev, do Deus-Homem ao Deus-humanidade.

#### **NONA LEITURA: IS 61, 10 - 62,5**

Sempre a plenitude dos textos messiânicos, mas expressa aqui conforme um simbolismo nupcial: "Como o esposo se rejubila da esposa, teu Deus, (Jerusalém), rejubilar-se-á de ti." Este tema nupcial, tão fortemente relacionado por São Paulo ao amor do Cristo e da Igreja, é um dos leitmotiv, como vimos, da semana santa. A lembrança de várias parábolas evangélicas que exortam à vigilância dão ao tema uma dimensão escatológica. O Cristo, esposo da Igreja, "sai do túmulo

como de uma câmara nupcial," cantarão as matinas pascais. O Cristo "se libertou" para a Igreja, ele a santificou com um batismo de sangue que lembra hoje "o banho de água que uma palavra acompanha. Pois ele queria apresentá-la a si próprio toda resplandecente, sem mácula nem ruga ou coisa semelhante, mas santa e imaculada" (Êx 5, 25-27).

#### **DÉCIMA PRIMEIRA LEITURA: IS 61, 1-10**

É o grande texto messiânico: "O Espírito do Senhor está sobre mim. Ele me ungiu para trazer a boa-nova aos pobres. Ele me enviou para sarar aqueles que tem o coração ferido, para anunciar aos cativos a liberdade e aos cegos o retorno à luz."

O Cristo aplicou-se esta profecia quando a leu na sinagoga de Nazaré, acrescentando: «Hoje se cumpre esta passagem das Escrituras» (Lc. 4, 16-22).

A liberdade trazida aos cativos é a vitória sobre o inferno e a morte que mantinham os homens em escravidão. A volta à luz é a Páscoa definitiva, das trevas da condição decaída à luz do Espírito.

#### **DÉCIMA TERCEIRA LEITURA: IS 63, 11 – 64, 5**

Outro texto messiânico onde o cristão vê o céu se unir à terra e o fogo da divindade penetrar os abismos para consumir o Adversário: "Se tu abrires o céu. . . o fogo consumirá teus inimigos e teu Nome será magnífico neles."

#### **DÉCIMA QUARTA LEITURA: JER 31, 33-34**

Texto admirável sobre a nova aliança, quando a lei não mais aparecerá como uma coação, mas, graças à renovação do coração, como a própria exigência da liberdade, espontaneidade existencial, o que nos é necessário para existir: "Eis aqui a aliança que naqueles dias eu farei com a casa de Israel, diz o Senhor: eu colocarei a minha lei no interior deles e a escreverei sobre o coração, e eu serei o Deus deles, e eles serão meu povo." Esta adesão tornada "natural," no sentido da verdadeira natureza do homem que é um dinamismo de união com Deus, esta adesão não apenas ética mas ontológica, realiza-se no Cristo, "homem-máximo"; e naqueles que, enxertados pelo batismo com sua humanidade deificada, procuram viver a lei como adesão de todo seu ser à presença divina. O texto continua: "Um homem não ensinará mais ao seu próximo... pois eles todos me conhecerão," profecia da Igreja, onde não pode haver, estritamente falando, Igreja ensinante e Igreja ensinada, pois todos são "portadores do Espírito." E a leitura termina com o anúncio do perdão divino – "eu perdoarei sua iniquidade e não me lembrarei mais dos pecados deles" – que a Páscoa realiza plenamente: "Que ninguém se inquiete de seus pecados pois o perdão jorrou do túmulo" (Homilia de São João Crisóstomo, lida durante a atual vigília).

A última leitura, ao mesmo tempo ressurrecional, figurativa e profética, é a história, do Livro de Daniel, dos três adolescentes lançados à fogueira por um tirano e salvos pela vinda de um anjo. Poucos textos bíblicos marcaram tanto a sensibilidade litúrgica do Oriente cristão. Na perspectiva pascal, o tirano simboliza o diabo; a fogueira o inferno. O número três evoca o mistério da Trindade. E o cântico dos adolescentes que o coro entoava com vigor, evoca a dimensão cósmica da Ressurreição, inauguração da Parusia: "Vós todos, obras do Senhor, bendizei ao Senhor! Pois Ele salvou-nos dos infernos, Ele nos arrancou das mãos da morte..."

Na Liturgia que se segue, lê-se a grande passagem batismal da Epístola aos Romanos (6:3-11): "Nós todos que fomos batizados em Cristo, é em Sua morte que fomos batizados. Nós fomos, pois, sepultados com Ele em Sua morte, pelo Batismo, a fim de que, como o Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, nós também marchemos para a vida nova. E, com efeito, se nós fomos enxertados sobre Ele pela semelhança da morte, nós o seremos também pela da Ressurreição." O batismo nos mergulha no mistério pascal; ele é, no Cristo, descida aos infernos e subida libertadora. É por isso que na Igreja antiga, os catecúmenos recebiam o batismo na noite de Páscoa. Ainda hoje, esta leitura nos lembra que não assistimos como espectadores a acontecimentos que nos são exteriores, durante este triduum pascal. Tudo transcorre por nós e em nós, pois a graça batismal nos enxertou ao "Soma pneumatihon" do Ressuscitado.

Em seguida, lê-se o Salmo 81 (82):

«Até quando julgareis erradamente?  
Julgai pelo fraco e pelo órfão,  
ao infeliz, ao indigente, faze justiça!  
Libertai o fraco e o pobre...»

Texto que é preciso primeiro se ouvir no seu sentido espiritual: é o Cristo que nos liberta – ficando bem entendido que o espiritual não se opõe ao trabalho dos homens, mas o fecunda –. Entre os versículos, intercala-se este refrão: "Ressuscita, ó Deus, julga a terra, pois Tu herdarás todas as nações," refrão em que a Páscoa, ainda uma vez, é colocada dentro de uma perspectiva escatológica.

Depois lê-se o Evangelho segundo São Mateus, o último capítulo (28) inteiro: o sepulcro vazio, a mensagem do anjo, as mulheres miróforas levando a boa nova aos discípulos; as aparições do Ressuscitado, o mandamento do batismo em nome da Trindade.

Neste dia, como nos mais solenes do ano, utiliza-se a antiga fórmula capadócia, a liturgia de São Basílio, cuja anáfora tem muito mais amplidão que a de São João Crisóstomo, de uso costumeiro na Igreja ortodoxa. Para a Páscoa, essa fórmula conservou mesmo um canto muito antigo que provém da liturgia de São Joaquim, e substitui, na "grande entrada," o Chérubikon: "Que toda carne mortal faça silêncio e permaneça imóvel no temor e no recolhimento e que nada de mundano ocupe seu pensamento, pois Ele vem, o Rei dos Reis, o Senhor dos Senhores, para ser imolado e dado como alimento aos fiéis, precedido do coro dos Arcanjos, com os Principados e os Poderes, os Querubins de olhos inumeráveis e os Serafins de seis asas que cobrem a face, cantando: "Aleluia, Aleluia, Aleluia."

E na hora da comunhão, que era a primeira dos novos batizados, o coro ao invés de cantar como de costume: "Recebi o corpo de Cristo, bebei da fonte imortal," canta, quantas vezes forem necessárias: "Como alguém que dormia, Ele acordou; o Senhor ressuscitou para nos salvar. Aleluia."

## As Matinas Pascais – A Noite Santa

Desde os primeiros séculos, os fiéis passam esta noite na igreja: é a vigília por excelência, a única que é realmente vivida ainda hoje. A igreja geralmente é ornamentada com flores alegres, logo ela ficará refulgente de uma multidão de velas, para significar a abolição da "noite" que simboliza a modalidade "noturna," infernal, da existência.

No início do ofício o Epitáfio é transportado para cima do altar onde ficará até a Ascensão, signo da presença na terra do Ressuscitado. Na igreja, faz-se silêncio, penumbra, espera. À meia-noite, as matinas começam com uma procissão: na frente, o clero, vestido com paramentos claros e um certo número de fiéis. Eles levam a cruz, o evangelho, os ícones e estandartes da igreja. A procissão faz a volta por fora da igreja, para diante da entrada principal, e então, o celebrante entoa o tropário da Ressurreição:

«Cristo ressuscitou dos mortos.  
Pela morte ele venceu a morte  
Aos que estavam no túmulo,  
Cristo deu a vida»

A procissão adentra a igreja, onde, de repente, todos acendem suas velas. O padre brada os versículos do salmo:

«Que Deus se levante  
e seus inimigos sejam vencidos  
e seus adversários fujam diante de sua face.

Tal como o fumo se dissipa  
Assim eles sejam dispersos  
à semelhança da cera que se derrete diante do fogo.

Esse é o dia que o Senhor fez.  
Exultemos e alegremo-nos nEle.»

Após cada versículo, o coro canta o tropário da Ressurreição. Em seguida, desfia-se o célebre Cânon de São João Damasceno, uma das mais altas criações da poesia litúrgica bizantina. Neste cânon, os temas são sugeridos rapidamente, com breves notações. O estilo, como a música, têm qualquer coisa de dançante, permeados que são por um meneio de alegria, onde se reúnem a Ressurreição e a Parusia, júbilo que dá lugar apenas a expressões pinceladas, ágeis, exclamativas e que não passa nem por longos desenvolvimentos, nem pela insistência.

Todo o essencial, é dado repentinamente na primeira ode:

«Dia da Ressurreição!  
Resplandecei de alegria, Povos todos /  
Ó Páscoa, Páscoa do Senhor /  
da morte para a Vida, da terra para os Céus /  
Cristo Deus nos transportou,  
a nós que cantamos este hino triunfal.

Purifiquemos nossos sentimentos,  
e veremos a Cristo  
resplandecente da ofuscante Luz da Ressurreição,

e ouvi-lo-emos exclaimar:  
Rejubilai cantando o hino do triunfo.

É justo que os Céus rejubilem,  
que a terra permaneça na alegria,  
que o mundo esteja em festa,  
o visível e o invisível,  
pois Cristo, a Alegria Eterna, ressuscitou.»

Uma variedade de imagens, de símbolos, de temas se entrecruzam e se correspondem. Eis o túmulo vazio, e a anunciação da Ressurreição pelas miróforas que vão levar a notícia aos discípulos:

«As mulheres miróforas, de manhã cedo,  
chegando junto ao túmulo Daquele que dá a vida,  
encontraram sentado numa pedra um anjo  
que lhes dirigiu a palavra nestes termos:  
Por que procurar dentre os mortos Aquele que está vivo?  
Por que chorar como se estivesse na corrupção, o Incorrúptível?  
Ide anunciar aos seus discípulos:  
Cristo ressuscitou dos mortos.»

É a tradução verbal do ícone da Ressurreição, a única, lembremo-lo, que a Ortodoxia conhece, como aquela da descida aos infernos que caracteriza mais precisamente o grande sábado.

A unidade da Cruz e da Ressurreição, da Paixão e da Vitória, é fortemente marcada neste apogeu do triduum pascal, como o foi desde a "grande Quarta-Feira." Por seu rebaixamento, sua Paixão, seu sofrimento e sua morte na Cruz – sofrimento e morte cuja descida aos infernos mostra toda a intensidade – o Cristo deixa entrar nele toda a angústia do mundo decaído, a tragédia da separação, o inferno da condição humana servidora da mentira e do ódio. Então a angústia, a separação, o inferno e a morte são abolidos por Aquele em quem eles não têm espaço. O abismo aberto pela liberdade humana desgarrada é consumido no abismo de amor da divindade.

«Nós adoramos, ó Cristo,  
e nós cantamos e glorificamos  
Tua Santa Ressurreição...

Eis que, pela Cruz, a alegria entrou no mundo.  
Louvemos sem cessar o Senhor,  
cantemos Sua Ressurreição,  
pois tendo sofrido a Cruz por nós,  
Ele destruiu a morte pela morte.»

A vitória sobre o diabo, o inferno e a morte é, pois, celebrada sem cessar.

"Tu desceste ao mais profundo da terra  
e quebraste os grilhões eternos que retinham os cativos...

O Cristo, descendo para lutar sozinho com o inferno,  
de lá subiu trazendo numerosos despojos,  
frutos de sua vitória.

Festejemos a morte da morte,  
a destruição do inferno,  
a inauguração da Vida Imortal.

Tu adormeceste em Tua carne como um mortal, Rei e Senhor,  
e Tu Te levantaste no terceiro dia;  
Tu ressuscitaste Adão da corrupção e Tu aboliste a morte,  
ó Páscoa da incorruptibilidade, Salvação do mundo.»

Assim, a Páscoa definitiva é a passagem da morte à vida, da "corrupção" à "incorrupibilidade" como existência no Espírito: "É da morte à vida, da terra ao Céu que o Cristo nos fez passar." "Páscoa imaculada, Páscoa imensa, Páscoa da fé, Páscoa que nos ofereceu a porta do Paraíso."

O sinaxário, para resumir o sentido da festa, explica: "A palavra Páscoa significa que se passa do não-ser ao ser, do inferno ao céu, da morte e da corrupção à imortalidade." Sabe-se que em hebreu peschah significa passagem.

E esta passagem se faz em Cristo, já que nele se unem para sempre, comunicam-se, se interpenetram "energeticamente" o humano e o divino, o céu da presença divina e a terra dos homens (e, por aí mesmo, os "céus" angélicos e o universo sensível). u Nossa Páscoa é o Cristo" (I Cor. 5, 7) Esta afirmação paulina é fortemente retomada: "O Cristo... como mortal é o cordeiro; sendo ele imaculado, sem pecado, ele é nossa Páscoa." "Tal como o cordeiro de um ano...

ele se ofereceu voluntariamente em sacrifício para a salvação de todos, Páscoa purificadora." "O Cristo é a nova Páscoa, a vitória da vida, o cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo." Assim, se reencontram e se cumprem, como já mostrou o Novo Testamento, as grandes "figuras" bíblicas do cordeiro pascal e do bode emissário.

O tema solar – verdadeiro "sol da meia-noite" "Trans-luminoso"– sublinha a irresistível invasão da luz, no sentido joânico: "... do sepulcro elevou-se sobre nós, esplendoroso, o Sol de Justiça." "É o sol anterior ao sol" que surgiu do túmulo. "Que santa é esta noite redentora, ela que nos traz o dia esplendoroso da Ressurreição, onde a luz eterna sai corporalmente do túmulo."

Assim, o túmulo como já o notamos, se transforma em câmara nupcial; o Ressuscitado é o esposo, aquele que vem, que é esperado no temor e no tremor desde o começo da semana. Pelo "julgamento do julgamento" de que fala São Máximo, o Confessor (PG 90, 408 D), o Juiz, porque Ele aceitou, Ele o inocente, tornar-se o condenado, o danado, o Juiz se revela o Esposo para aqueles que o acolhem no arrependimento e na gratidão. É exatamente assim que ele é representado sobre as "portas reais" diante das quais recebemos a comunhão: a iconografia da "Deesis" (intercessão) mostra com efeito o Cristo-Juiz, de um lado e de outro intercedem a Virgem e São João Batista; ora, ela é a esposa e ele o "amigo do esposo."

"Círios na mão, vamos diante do Cristo que sai do túmulo como diante do Esposo..." "Ressuscitando, tu saís do túmulo como de uma câmara nupcial..." Toda a história da salvação poderia ser descrita como um drama de amor, como um imenso Cântico dos cânticos: mas é menos a noiva que procura por seu noivo do que o Deus fiel que procura por seu povo adúltero, que procura a humanidade que se desviou dele, para lhes falar ao coração e devolver-lhes seu primeiro amor, como diz Oséias (2, 16-17).

Na Páscoa os esposais são consumados. No Ressuscitado é a humanidade inteira, e o cosmos, que se acham secretamente recriados, transfigurados. Em sua hipóstase divina, portanto perfeita, e pela qual nada de exterior pode existir, o Cristo, através de uma comunhão sem limites, assume todo ser criado e o arrebatava em sua ressurreição. "Tu ressuscitaste o homem pela tua ressurreição, ó Cristo." "Ressuscitando do túmulo, tu ressuscitaste contigo Adão e toda sua raça." O corpo "pneumatizado" do Cristo escapa às modalidades decaídas do tempo e do espaço; n'Ele, na Igreja que é o sacramento de sua presença, a modalidade paradisíaca e "parusíaca" do ser criado nos é oferecida. "Foi mantendo intactos os selos, ó Cristo, que tu te levantaste do túmulo, tu que não havias rasgado o seio da Virgem em teu nascimento; e tu nos abriste as portas do Paraíso." O corpo do Ressuscitado é vida pura, e não esta mistura de vida e morte, esta "vida morta" a que chamamos vida. "Por isso ele é vivificante," "carne que ressuscita Adão decaído." 'Pela sua Paixão, ele revestiu o mortal do incorruptível."

Em Cristo sempre vivo e presente no Espírito, cada um de nós morre e ressuscita: "Ontem, eu estava enterrado contigo, ó Cristo; hoje eu acordo contigo, ó Ressuscitado; Salvador, glorifica-me contigo em teu Reino." A Ressurreição tem um alcance cósmico pois o corpo engloba secretamente o cosmos inteiro. Por isso o universo é chamado a rejubilar-se após ter tremido de um horror sagrado diante da Paixão e do enterro de seu Criador. . . "Que todo o universo esteja em festa, toda a terra... pois ele ressuscitou, o Cristo, alegria eterna."

Bem mais: para o "olho do coração," o que é o da fé, da Igreja, da santidade, tudo está doravante pleno de vida e de luz: e, os dois termos-chave da teologia joânica que, para o pensamento ortodoxo constituem nomes divinos, energias divinas, modalidades de presença salvadora e deificante. Doravante a vida e a luz nos chegam mesmo pela morte e por todas as situações de morte de nossa existência se as "configuramos" na fé na Cruz do Cristo sobre a qual ele venceu a morte. Por isso o mártir é o mais elevado estado místico do cristianismo. E por isso também que o povo ortodoxo, durante o tempo pascal, gosta de ficar nos cemitérios, pois no Ressuscitado, não há mais separação, a morte torna-se um sono êxtase em que se prepara a definitiva metamorfose. Coloca-se sobre as sepulturas, na alegria pascal, ovos pintados com as iniciais das duas palavras "Cristo Ressuscitado." Os ovos, como os grãos, são desde sempre, símbolos de ressurreição.

Não somente a morte está repleta de luz, como também o inferno: "Agora tudo está repleto de luz: o céu, a terra e o inferno." Deus é tudo em todos. A apocatástase (a salvação universal) é oferecida à humanidade.

Não é, pois, de se impressionar que esses textos tenham fortes ressonâncias escatológicas: a luz da Páscoa é a mesma da Parusia. A Páscoa já é o Oitavo dia em que se inaugura a luz sem declínio. É o "dia do Senhor," no sentido escatológico de que se reveste esta expressão na Bíblia: "É agora o dia insigne e santo, único nas semanas, o rei e o Senhor dos dias, a festa das festas."

As profecias concernentes a Jerusalém, aquelas profecias tão largamente citadas na manhã do sábado santo, agora, se realizam:

«Resplandece, resplandece, ó Nova Jerusalém!  
Pois a glória do Senhor brilhou sobre Ti.  
"Dança de alegria e rejubila, ó Sião.  
E Tu, Mãe de Deus, Toda Pura,  
sê exaltada na Ressurreição  
d'Aquele a quem deste à luz.»

Assim intervém – nos dois símbolos da nova Jerusalém e da Mãe de Deus – o tema da Igreja, que não é o Reino mas o sacramento do Reino, que é o mundo em vias de deificação na medida em que o assimilamos, pelo nosso próprio esforço de santidade, ao corpo do Ressuscitado. O mundo só existe através das existências pessoais: sua transfiguração escatológica, inaugurada em Cristo, deve ser decifrada, assumida, reinventada e difundida pela comunhão dos santos, até que ela tenha atingido seu "pleroma," conforme uma medida que não é a da história "objetiva," mas a de Deus. É por isso também que a alegria pascal se desdobra numa dimensão de espera e de esperança:

«Ó Páscoa grande santa,  
Cristo, sabedoria, Verbo e poder de Deus,  
concede-nos comungar-Te com ainda mais verdade,  
no dia sem ocaço de Teu Reino.»

Mesmo depois da Ascensão, o Ressuscitado ficará presente em sua Igreja:

«Tu nos prometeste sem mentira  
de estar conosco até a consumação dos séculos, ó Cristo!  
E nós, fiéis, nós conservamos esta palavra  
como a âncora de nossa esperança,  
e permanecemos na alegria.»

No Espírito Santo, a luz pascal, vida do Ressuscitado, nos é comunicada pela eucaristia que constitui a Igreja, que a funda sobre o "mistério pascal": "Vinde, neste dia da Ressurreição, comungar o fruto novo da vinha, a alegria divina, a realeza do Cristo." Uma vez que a eucaristia nos incorpora ao Ressuscitado, nós podemos, pouco a pouco, por uma ascese de vigilância, nos acordarmos para nossa ressurreição no Ressuscitado, de modo que nós contemplamos conscientemente nossa reunião com ele.

«Purifiquemos nossas faculdades  
e perceberemos o Cristo  
resplandecente da ofuscante luz da Ressurreição...

Vigiemos até o final do dia;  
em lugar da mirra, ofereçamos um hino ao Senhor  
e nós veremos o Cristo, Sol de Justiça,  
fazer brotar a vida para todos.»

Na Ressurreição funda-se a Igreja que comunica aos homens a vida divina, a vida mesma da Trindade, ou seja, a verdade da existência pessoal no amor. A Páscoa nos batiza na Trindade: "Pai todo-poderoso, Verbo e Espírito, natureza única em três pessoas... é em função disso que nós fomos balizados." A partir daí, uma nova forma de amor é possível, um amor de mesmo tempo pessoal e ontológico, graças à nossa "consustancialidade" ao Ressuscitado. No final das matinas pascais, canta-se:

«É a Páscoa! Na alegria, abracemo-nos uns aos outros.  
Chamemos irmãos mesmo àqueles que nos odeiam.  
Perdoemos tudo por causa da ressurreição e clamemos:  
Cristo ressuscitou dos mortos!»

E a gente se saúda assim durante todo o tempo pascal. É o beijo da paz, que se trocava na igreja antiga durante cada liturgia eucarística, antes da confissão da Trindade. Hoje apenas o trocam – fora da noite pascal – os membros do clero dizendo: "Cristo está no meio de nós," mas o sentido do rito está dado para sempre por este diálogo entre o celebrante e o povo: "Amemo-nos uns aos outros a fim de que dentro do mesmo espírito confessemos, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, Trindade consustancial e indivisível." Os fiéis se unem no amor para tornarem-se como que o ícone da Trindade.

A noite pascal, pois, conservou gestos litúrgicos bem antigos e também uma grande espontaneidade e participação do povo na ação litúrgica. O canto das matinas pascais, ímpeto como a liturgia eucarística que se seguem são, freqüentemente, entrecortadas por alegres trocas de exclamações entre o celebrante e o povo: "Cristo ressuscitou!" diz o primeiro e os fiéis respondem: "Em verdade, ressuscitou!"

Somente a fé, o despertar do amor podem corresponder à infinita generosidade de Deus. Pois o banquete messiânico ao qual somos convidados é o banquete oferecido ao homem pródigo, é o "banquete da fé": "O festim está pronto; que todos nele participem. O vitelo cevado está servido, que ninguém parta com fome. Que todos se deliciem no banquete da fé..."

E a fé é a descoberta maravilhada, balbuciante, do perdão que resplandece do mundo: "Que nenhum chore suas faltas, pois o perdão resplandeceu do túmulo." O Cristo nos libera da angústia fundamental que nós cambiamos em preocupação, fugas e paixões idólatras. No fundo de nós, nessas trevas onde ele desceu e não cessa de descer, ele transforma a angústia em confiança, a "memória da morte" em memória da Ressurreição, "que nenhum tema a morte, pois a morte do Senhor nos libertou". E é, com acentos paulinos, a lembrança da vitória:

«O inferno tomara um corpo, e foi um Deus que ele encontrou.

Ele tomara a terra, e encontrou o Céu.

Ele tomara o visível e caiu por causa do invisível.

Onde está, ó morte, o teu aguilhão?

Onde está, Inferno, a tua vitória?

Cristo ressuscitado e tu foste humilhado.»

A liturgia eucarística que se segue é verdadeiramente um banquete escatológico, como se o "Véu" do sacramento, aí nesta noite, se fizesse particularmente translúcido, as portas da iconostase são abertas, a igreja está repleta de flores e de luz e, sem cessar, como vagas de luz, ecoam os tropários de ressurreição. No lugar do Triságion canta-se o versículo pauliniano:

«Vós que fostes batizados em Cristo,

vos revestistes de Cristo, Aleluia!»

Lembrete aos neófitos da iniciação que acabam de receber e que lhes permite comungar. Lembrete a todos batizados, que somos nós, da integração deles à morte e à Ressurreição do Senhor.

As leituras são, de início, o primeiro capítulo dos Atos, as aparições do Ressuscitado, o mandamento feito à primeira comunidade de esperar em Jerusalém a "promessa do Pai," quer dizer, o Espírito Santo. Aqui, sente-se a unidade da grande Cinquentena, o grande Pentecostes que une a Páscoa, a Ascensão e Pentecostes: toda a economia do Cristo tem por finalidade que, recebamos o Espírito de Pentecostes. Quanto ao Evangelho, é o prólogo de São João (1, 1-17), quer dizer, a confissão solene da divindade daquele que sofreu, da identidade entre a hipóstase do Logos e a do Crucificado. "E é de sua plenitude que todos nós recebemos." Tanto quanto possível, este evangelho é lido em diversas línguas, já um signo pentecostal. E todos comungam.

Todo o período que segue, até Pentecostes, mas sobretudo a própria semana pascal, constitui, na linha do arcaísmo litúrgico que sublinhávamos ainda agora, um tempo que nós poderíamos denominar "Agápico." A regra do jejum está suspensa. No final da liturgia pascal faz-se abençoar para o ágape toda a espécie de alimentos. Os gregos comem em família o cordeiro pascal. Depois, durante toda a semana, a mesa fica permanentemente posta em cada família, a gente se visita um ao outro, se beija "Cristo ressuscitou" compartilha a comida, a vida circula e se multiplica na alegria.

=====

#### NOTAS:

(1) Tecido precioso, ricamente bordado, sobre o qual está representada a cena do sepultamento do Senhor.

#### FONTE:

O Mistério Pascal – Comentários Litúrgicos, Alexandre Schmémann, Olivier Clément